

MULHERES ARTISTAS: HÁ DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DAS ARTES PLÁSTICAS NO SÉCULO XXI?

Priscilla Cruz Leal¹

Resumo: O presente artigo nasceu da pesquisa, para uma peça de teatro, sobre a vida da escultora francesa Camille Claudel, que viveu no século XIX, época em que as mulheres não tinham acesso total ao trabalho com a arte. No decorrer da pesquisa, verificou-se a necessidade de conexão dessa questão com a atualidade, razão pela qual surgiu a indagação título desse artigo. Assim, o artigo, tem como objetivo verificar se, no século XXI, ainda há desigualdade de gênero nas artes plásticas, focando na pintura e na escultura, artes consideradas nobres e, portanto, inacessíveis para as mulheres daquele período.

Palavras-chave: Mulheres artistas, desigualdade de gênero, Camille Claudel, diversidade cultural.

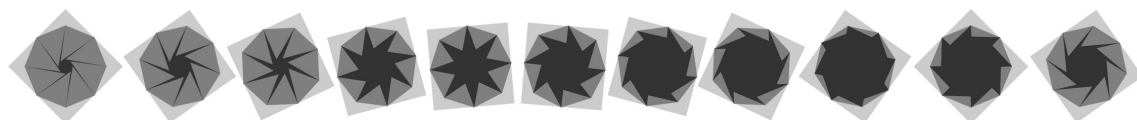
Mulheres artistas no Século XIX: França x Brasil

Camille Claudel nasceu em 1864 na pequena cidade de Frère-en-Tardenois, na França. Começou a esculpir desde cedo e, em 1881, sabedor de que em Paris o talento de sua filha seria desenvolvido, seu pai mudou-se para a Cidade Luz levando toda a família. Naquele período, final do século XIX, as mulheres não podiam frequentar a Escola de Belas Artes, ficando restritas aos ateliês, financiados pelas famílias ou nas poucas Academias particulares, que aceitavam mulheres. A mais conhecida era a Academia Julian, local onde muitas artistas brasileiras foram buscar conhecimento, mas Camille começou seus estudos na arte de esculpir na Academia Colarossi, sob a orientação do Mestre Alfredo Boucher.

A história de Camille Claudel é conhecida. Dona de um talento nato, tornou-se assistente do Mestre Auguste Rodin, e logo sua amante, título pelo qual é conhecida até hoje.

Após Camille Claudel, as mulheres passaram, sob vaias dos estudantes, em 1900, a serem aceitas na Escola de Belas Artes, tendo, portanto, acesso ao estudo das artes, tal como os homens. Camille foi pioneira por esculpir figuras nuas, particularmente mulheres, de forma sensual, emprestando seu corpo e seu rosto para tais obras. Infelizmente, a escultora, irmã do poeta Paul Claudel, não aguentou a pressão de uma sociedade patriarcal, que não tinha olhos para seu talento e sua rebeldia, e, após romper com o amante Rodin e perder o pai, foi levada pela família para um hospital psiquiátrico, onde morreu 30 anos depois, esquecida e sem nunca mais ter esculpido.

¹Centro Universitário SENAC -SP. pricruzleal@ig.com.br



A história de Camille Claudel foi resgatada nos anos 80 pelo cineasta francês Bruno Nuytten, que a transformou em filme e a levou para o mundo.

Após tantas conquistas femininas nos anos 60 e 70, é difícil imaginar uma época em que as mulheres eram proibidas de estudar artes plásticas, porque eram consideradas incapazes para tal. Segundo Perrot (2009, p.101):

“Escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. As mulheres eram impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma, dessa orquestração do universo? As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar”.

Por conta de tal “status”, a mulher era aceita como musa, objeto de desejo do olhar masculino, mas não como criadora, agente ativa que olha e coloca em forma o que deseja.

No Brasil, segundo Simioni (2008, p. 29):

“Durante o século XIX, a arte parecia ser uma profissão exclusivamente masculina. Os interessados formavam-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde adquiriam os conhecimentos necessários para se tornarem artistas e, posteriormente, viverem de suas classes e das encomendas oficiais e privadas que, vez por outra, aconteciam. As poucas mulheres que ousaram ingressar nesse sistema dominado pela academia eram julgadas por seus pares de modo pejorativo, como amadora”.

A Academia Imperial de Belas Artes foi fundada na cidade do Rio de Janeiro em 1816, mas foi inaugurada como referência nos estudos das artes, apenas em 1826. Em 1840, a Academia começou a promover exposições abertas para alunos e não alunos, desde que passassem pelo crivo dos professores acadêmicos, permitindo assim a entrada das artistas mulheres no circuito cultural, sob a categoria de “amadora”. O estudo das mulheres artistas começou a ser possibilitado em 1881 quando o Liceu de Artes e Ofícios, criado em 1857, abriu suas portas às mulheres. Na tradicional Escola Nacional de Belas Artes às mulheres só foram aceitas como alunas em 1893. A opção, portanto, era muito semelhante às das artistas francesas: estudar com algum homem artista com o qual elas tinham ligação, familiar ou amorosa, ou no Liceu.

Nessas poucas linhas, verificamos que a impossibilidade de fazer parte da vida artística e a desqualificação da mulher artista impossibilitaram-na de fazer parte da história da arte do século XIX: Lavinia Fontana e Sofonisba Anguissola foram pintoras italianas de grande talento no Renascimento, mas não entraram nos livros de história da arte como tal; Camille Claudel ainda carrega o estigma de amante do Mestre Rodin; Julieta de França, escultora, primeira mulher a participar das aulas de modelos vivos na Academia de Belas Artes no Brasil, sendo agraciada com uma bolsa importante de estágio em Paris, em 1900, não é conhecida por nós. E, assim, são tantas outras artistas mulheres, sejam brasileiras ou europeias, que não constam nos livros de história ou em

qualquer mídia especializada. Essas artistas caíram no esquecimento por muito tempo, a ponto de no Brasil considerarmos a presença da mulher nas artes plásticas apenas a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, com Tarsila do Amaral e Anita Malfati. De fato, estas artistas foram muito importantes para a história da arte brasileira, mas só surgiram porque antes houve mulheres que lutaram pelo direito de estudar a arte na sua plenitude e de fazer parte dos salões, grande vitrine daquele século. Assim, as mulheres artistas brasileiras anteriores a essas duas artistas foram esquecidas, não merecendo um lugar de destaque na linha do tempo das artes plásticas.

O primeiro argumento poderia ser a ausência de mulheres artistas talentosas, mas, como cita Simioni (2008, p.46/47):

“Todavia, a qualidade das obras, a julgar pelo texto e pelas análises do crítico, superava o que se poderia esperar de mulheres amadoras que vivenciavam a pintura como um mero passatempo ou como um complemento à educação civilizada. Antes pareciam produções que sinalizavam habilidades, conhecimento técnico e manejo para grandes composições, qualidades, segundo o crítico, independentes do gênero.”.

Século XX: movimentos feministas x mudanças

Pouco a pouco as mulheres começam a inserir-se no campo de trabalho formal, mas é com o advento da Segunda Guerra Mundial que a sua presença fortifica-se. Elas não são mais apenas as rainhas do lar. Saem para trabalhar e, conseqüentemente, começam a reivindicar mais direitos.

É nos anos 60 que o movimento feminista se fortalece: as mulheres reivindicam a liberdade sexual, a liberdade do próprio corpo e a liberdade de expressão. Surgem autoras discutindo o papel da mulher na sociedade, com destaque para o prestigiado “Segundo Sexo”, da filósofa francesa Simone de Beauvoir.

Tais mudanças modificam também as mulheres artistas, que começam a produzir arte que trata de questões próprias ao sexo feminino: maternidade e exclusão social, por exemplo. Essa arte passa a ser conhecida como arte feminista, já que se torna um meio de expressão e reivindicação para as mulheres.

Elas começam a reivindicar seus lugares nos museus e na história da arte, a se organizar e a montar suas próprias exposições, a dirigir suas próprias galerias e a dar aulas particulares. Foi a forma encontrada para burlar as estruturas ainda dominadas pelos homens e colocar como tema central o feminino, a perspectiva deste. (GROSENICK, 2003, p.15).

Em seu artigo sobre a produção feminista das mulheres nas artes plásticas, Andréa Senra Coutinho cita:

“Algumas artistas partem por produzir obras que representam ou evocam simbolicamente experiências corporais e rituais femininos, outras direcionam sua produção para as questões políticas e sociais, sendo contra o racismo, a

violência e todas as imposições sofridas pelas mulheres. Há também uma linha autobiográfica, nesta perspectiva as obras revelam a história de vida da própria artista, as vivências pessoais e a intimidade são transformadas em experiência estética.”

Podemos destacar a artista alemã Eva Hesse e a francesa Louise Bourgeois, que trabalhavam com a subjetividade nas suas esculturas, e Ana Mendieta, artista cubana, criada nos Estados Unidos, que se utilizava da linguagem performática e da Earth body-work para denunciar a condição feminina.

Nos anos 80, mais precisamente em 1985, surge nos Estados Unidos um grupo de artistas anônimas que se autodenominam “Guerrilha Girls”. Essas artistas protestam de forma performática em frente a museus, com o intuito de conscientizar o público sobre o papel da mulher na história da arte. A forma encontrada foi inusitada: vestem-se com máscaras de gorila e permanecem anônimas, se autodenominando com nomes de grandes artistas mulheres já falecidas, como, por exemplo, a escultora russa Käthe Kollwitz. E nessa mesma década é inaugurado, também nos Estados Unidos, o “National Museum of Women in the Arts”, museu dedicado apenas às obras de mulheres artistas, idealizado por um casal de colecionadores, que já nos anos 60/70 perceberam o vazio das mulheres na história da arte.

Destaque-se também nos anos 80 o artigo da historiadora Linda Nochlin, intitulado “Why have there been no great women artists?”, que questionava o porquê da ausência de grandes mulheres artistas e assim concluiu:

“A pergunta “Por que não houve grandes artistas mulheres?” levou-nos à conclusão, até agora, que a arte não é uma atividade livre, autônoma de um indivíduo superdotado, “influenciada” por artistas anteriores, e, mais vagamente e superficialmente, por “forças sociais”, mas sim, que a situação total de tomada de arte, tanto em termos de desenvolvimento do artista e na natureza e qualidade do trabalho da arte em si, ocorrem em uma situação social, são elementos integrantes dessa estrutura social, e são mediados e determinados por específicas e definíveis instituições sociais, sejam elas academias de arte, sistemas de clientelismo, mitologias do criador divino, artista como homem ou pária social.”

No Brasil, apesar da ditadura nos anos 70, tivemos um campo fértil para o desenvolvimento das artes plásticas, com a criação da FUNARTE em 1975 no Governo Geisel, que englobava o INAP (Instituto Nacional de Artes Plásticas)². No campo de artistas mulheres tivemos Lygia Clark, Lygia Pape, Tomie Ohtake, Maria Bonomi e Regina Silveira, que se destacaram no período dos anos 60 e 70. Sobre Lygia Clark, diz Heloísa Buarque de Hollanda (2006):

“Lygia Clark é muito especial nesse sentido. As perguntas fundadoras e a grande manobra radical no território do feminino sem dúvida foram feitas por ela. Isso é interessante porque a posição estratégica conquistada por Lygia

² www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/fevereiro2011/ju485_pag12.php

Clark, nos anos 1960, no campo da criação intelectual e artística se torna emblemática para a cultura política feminina e ultrapassa sua atuação nas artes plásticas”.

Num primeiro momento, poderíamos afirmar que a mulher artista conquistou seu espaço definitivamente no século XX, nas décadas de 60 e 70, e perpetuou essa igualdade nas décadas seguintes. No entanto, não foi o que aconteceu, pois a igualdade de tratamento entre homens e mulheres artistas não foi inteiramente estabelecida.

Evidentemente a mulher ganhou espaço na sociedade no campo das artes, citando-se como exemplo Lygia Clark e Tomie Ohtake, mas as artistas do século XIX ainda ficaram no esquecimento.

De fato, o novo século trouxe uma mudança substancial para a condição da mulher artista. A história se caracteriza como uma sucessão ininterrupta de épocas (SANTOS, 2000) e, após as conquistas básicas das mulheres, poderíamos supor que a igualdade era questão de tempo, já que, com a possibilidade de estudar e de fazer parte dos meios acadêmicos, a mulher artista iria aparecer, tanto quanto os homens artistas, já que o critério de análise seria a obra em si.

Segundo Grosenick, contudo (2003, p.14):

“Na realidade esta apregoada igualdade de oportunidades carecia de fundamento. Eram poucas as mulheres a ensinar em faculdades de Belas Artes ou membros de academia, elas continuaram a estar sub-representadas em exposições, e em comparação com o trabalho dos artistas homens, a atenção da crítica voltava-se com muito menos frequência para elas, sendo suas obras muito menos adquiridas para coleções públicas e privadas.”

Mulheres artistas: há desigualdade de gênero na arte no século XXI?

Não há como negar que as mulheres passaram, no século atual, a ter acesso a muitos direitos que antes lhes eram negados. Elas cresceram no mercado de trabalho formal e nas Universidades, e, no século XXI, observamos a eleição de mulheres para o cargo de Presidente da República em três países latinoamericanos: Brasil, Chile e Argentina.

Primeiramente, cumpre-nos esclarecer que o termo “gênero” tem sido comumente utilizado em trabalhos que abordam temáticas femininas, mas aqui, o utilizaremos de maneira mais ampla. Segundo Scott (1995, p.75):

“O termo gênero além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que um implica o estudo do outro.”

E continua:

“Além disso, o termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm capacidade para dar à luz e de que os homens têm força muscular superior. Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar construções sociais”.

Achamos pertinente pesquisarmos a relação entre homens e mulheres artistas sob o aspecto social, verificando se ambos possuem o mesmo acesso para expor os seus trabalhos.

Por tal motivo, também usamos o termo “desigualdade” ao invés de “diferença”, já que discutimos a dificuldade das mulheres artistas mostrarem o seu trabalho, que é maior, em relação ao homem artista. Pretendemos verificar, então, se a diferença (biológica por exemplo) entre homens e mulheres ainda leva a algum tipo de exclusão ou hierarquização de um sobre o outro, no mercado cultural, o que acarretaria uma desigualdade no volume de produções artísticas expostas ao público em centros culturais, museus, galerias, etc.

De acordo com José Pascowitch³, a pesquisa "A Mulher no Mercado de Trabalho em 2008", realizada pela Fundação Seade e pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), concluiu que as mulheres que trabalhavam nas indústrias recebiam R\$ 5,74 por hora de trabalho em 2008, ao passo que os homens ganhavam R\$ 8,48, no mesmo setor. Uma diferença de R\$ 2,74 por hora trabalhada. Já no setor de serviços, a diferença foi de R\$ 0,96 a mais para os homens, que receberam R\$ 7,86 por hora, contra R\$ 6,90 pago às mulheres.

No relatório “Desigualdade Global de Gênero 2009”, elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil apareceu em 82º lugar no ranking de 134 países analisados. O relatório mede a participação de homens e mulheres na sociedade, de acordo com quatro critérios básicos: diferenças salariais e participação no mercado de trabalho; acesso à educação e nível de formação educacional; acesso à saúde e queda de índices de mortalidade; e participação política e posição em cargos de poder político. Na região, o Brasil só não é mais desigual que Bolívia, México, Ilhas Maldivas e Guatemala.

Considerando o relatório, a trajetória do Brasil tem sido de queda. Em 2006, ano da primeira edição do ranking, quando foram avaliados 115 países, o Brasil apareceu em 67º lugar. As diferenças salariais no mercado de trabalho foram responsáveis pela queda do 73º, em 2008, para o 82º lugar. Destacamos que, se a pesquisa tivesse considerado o quesito diferenças salariais pelo mesmo trabalho executado, o Brasil ocuparia a 114ª posição em 2009⁴.

A desigualdade de gênero não é uma ficção social e sim uma realidade, como mostram os números colhidos. As mulheres ganham menos que os homens, desenvolvendo a mesma atividade. Em relação à cultura, o Itaú Cultural, em agosto de

³ PASCOWITCH, José – artigo “Mulheres no Mercado de Trabalho: ainda uma questão delicada”, 2009.

⁴ www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/brasil-cai-para-82o-em-desigualdade-de-genero-aponta-relatorio

2007, realizou a pesquisa “O Mercado de Trabalho nas Atividades Culturais no Brasil – 1992-2001”⁵, na qual constatou que a predominância no mercado de trabalho cultural era masculina, já que o índice de mulheres era maior, cerca de 62,8% em 2001, apenas por conta do setor de educação, onde elas eram maioria. No entanto, o relatório verificou que, mesmo a mulher tendo um índice de escolaridade maior que o do homem (10,9 anos de estudo para mulheres ao passo que o dos homens é 8,9 anos), elas possuíam uma remuneração inferior a deles. O relatório ainda cita na página 07:

“A persistência de rendimentos menores resulta da discriminação por gênero no mercado de trabalho. Portanto, a associação entre cultura e predomínio das mulheres, com ausência relativa de discriminação, não se sustenta minimamente a partir desses dados e, sendo um setor que tem formalmente políticas de valorização da igualdade e da diversidade, não se justifica que as desigualdades de gênero no mercado de trabalho não sejam combatidas com ações específicas e programas direcionados”.

E em relação às mulheres artistas na pintura e na escultura? Podemos afirmar que existe igualdade de gênero na arte?

Para fazer esse artigo entramos em contato com o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu brasileiro da Escultura (MUBE), Fundação Bienal de São Paulo, Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e com o Sindicato Nacional dos Artistas Plásticos em São Paulo (SINAPESP), além de termos consultado o site do Centro Cultural Instituto Tomie Ohtake.

Nenhum dos museus procurados possuía dados quantitativos quanto ao sexo dos artistas. O sindicato e a associação tão pouco. Nenhum dos entes citados acima soube dizer quantas obras de mulheres artistas continham em seus acervos ou quantas mulheres artistas eram sindicalizadas ou associadas.

A biblioteca do MASP disponibilizou seus catálogos para levantamento dos dados solicitados. Verificamos então que até 2008, o acervo do museu contava com aproximadamente 380 obras de homens artistas e 28 obras de artistas mulheres. A Fundação Bienal de São Paulo também disponibilizou a lista dos artistas que expuseram nas últimas bienais. Foi constatado que na Bienal de 2010, de um total de 163 artistas (contando coletivos), 101 eram homens e 47 mulheres (os coletivos não entraram nessa contagem); em 2008, dos 41 artistas, 24 eram homens e 11 eram mulheres; em 2006, dos 109 artistas, 59 eram homens e 37 eram mulheres; no MUBE, de acordo com o site do Museu, que traz todas as exposições realizadas entre 2009 e 2011, contabilizamos 18 exposições solo de homens artistas e 6 de mulheres artistas; e, por fim, em pesquisa no site do Instituto Tomie Ohtake, verificamos que entre 2005 e 2011 foram realizadas 51 exposições solo de artistas homens e 15 de mulheres artistas, sendo 6 da própria Tomie Ohtake.

Na França, segundo Bonnet (2006, p.134), no ano 2000 o Museu Nacional de Arte Moderna de Paris possuía cerca de 628 obras de mulheres artistas e 3660 obras de homens artistas. As mulheres, portanto, ocupavam cerca de 14,6% do acervo do Museu, ressaltando que grande parte desse número compreendia a fotografia, diminuindo assim o número de pinturas e esculturas de artistas mulheres.

⁵www.itaucultural.org.br/bcodemidias/000546.pdf

Sensível a esse cenário, o Centre Pompidou em Paris, realizou entre 2009 e 2010 uma mostra permanente das obras das mulheres artistas do seu acervo, justificando a ação da seguinte maneira⁶:

“Apesar das lutas feministas dos anos 1970, artistas mulheres ainda sofrem com a falta de visibilidade, como mostra a baixa proporção de mulheres artistas nas coleções de museus franceses e no Fundo Nacional e Regional de Arte Contemporânea. Acreditamos que exposições, feministas ou não, que colocam as mulheres na frente do palco são bastante relevantes e úteis, como demonstrado pelo sucesso de WACK! Exposição, organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles em 2007. O público vai descobrir na exposição elle@centrepompidou muitas artistas que ele não conhece porque elas não ocupam o seu lugar de direito, e muitas novas aquisições feitas pelo ICC-MNAM. Mais de 38% das obras apresentadas no elle@centrepompidou foram adquiridas entre 2004 e 2009 e 51% dos artistas representadas entraram nas coleções de MNAM-ICC durante este mesmo período”.

Ressaltamos que o recorte analisado é o de gênero e não o de raça. A opção deu-se pela dificuldade em levantar tais dados e pela exigência de um período maior de pesquisa, inviável para a feitura desse artigo. Mas, sem dúvida, uma pesquisa com o viés do recorte racial é de extrema importância, tanto quanto com o viés do gênero.

Não podemos afirmar que existe desigualdade de gênero nas artes nos tempos atuais, pois, para tanto, deveríamos ter comparativos mais complexos. No entanto, também não podemos afirmar que não existe. Isso porque, como já citamos, durante o processo de pesquisa, verificamos a ausência de dados nas instituições pesquisadas. Não há preocupação em inventariar a arte, de extrair dados quantitativos e assim criar um arquivo que demonstre as aquisições das obras por gênero, por exemplo. Em contato com o Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, foi informado que o número de mulheres artistas sindicalizadas era infinitamente maior que o de homens, mas que hoje a mulher tem as mesmas oportunidades que o homem artista, já que o que conta é a qualidade da obra artística.

Esse tipo de pensamento, qual seja, a igualdade entre mulheres e homens artistas e a crença de que o julgamento é apenas pela obra, é comum nos dias de hoje, mas não é embasado em dados ou pesquisas oficiais que demonstrem que, de fato, no século XXI, a mulher artista deu uma virada na própria história e conquistou seu espaço definitivamente. Pelo contrário, os dados preliminares colhidos para esse artigo mostram que elas ainda são minoria nas Instituições Culturais e Museus pesquisados, não alcançando 50% do total da arte exposta pelos artistas homens.

Como cita o curador Paulo Henkenhoff, no Catálogo da exposição "Manobras Radicais" (2006,p.17), *"O Brasil é refratário à discussão das diferenças no campo da arte"*.

A discussão de desigualdade de gênero vem sendo levantada. A UNESCO lançou o tema como prioridade global⁷. No Brasil, temos Secretarias voltadas à mulher, como, por exemplo, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, ligada ao Governo Federal. No entanto, no campo das artes, apesar de termos pesquisadoras debruçando-se

⁶ http://elles.centrepompidou.fr/blog/?page_id=5#faq_1

⁷ correio abril 2011 <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001922/192261por.pdf>

sobre o assunto, não foram encontrados estudos ou levantamentos mais apurados que tratam da questão no século XXI.

Entendemos a dificuldade, já que o trabalho de pesquisa exige distanciamento temporal, mas a ausência de discussões, de levantamentos quantitativos e de um inventário que mostre o caminho das mulheres e homens artistas pelo tempo demonstra um possível desconhecimento e falta de interesse por parte dos gestores culturais, e, conseqüentemente, ausência de políticas públicas direcionadas.

Tal falta é um obstáculo à diversidade cultural, já que a princípio temos apenas acesso a obras feitas por homens, o que vale dizer, a um determinado ponto de vista. Nota-se que não falamos de certo e errado, mas de diversidade de pensamento e de expressão. A sociedade tem o direito de ter acesso a todas as manifestações artísticas nas artes plásticas e assim formar seu próprio referencial. Para tanto, precisamos de políticas públicas que incorporem as mulheres artistas de forma igualitária aos homens artistas no cenário cultural, e assim ampliar a pluralidade de interesses e visões na sociedade. (RUBIM; CALABRE, p.36)

Exposições com a temática “Mulheres Artistas” vêm ocorrendo não só no Brasil, mas na Europa. Merecem destaques as exposições "Mulheres Artistas", realizada em 2011 no Palácio do Planalto, a pedido da Presidente Dilma Rousseff; e a exposição "Manobras Radicais", com curadoria de Heloísa Buarque de Hollanda e Paulo Henkenhoff, no Centro Cultural Banco do Brasil- São Paulo, em 2006. Em Paris, o Centre Pompidou realizou a já citada exposição 'ELLE', entre 2009 e 2010.

As exposições são importantes na medida que reúnem esses trabalhos e os iluminam, dando ao público a possibilidade de acessá-los. No entanto, tal medida é apenas um caminho que não abarca a discussão da desigualdade. Deve-se aprofundar o tema, verificando-se, por exemplo, onde essa desigualdade começa. Seria no acesso ao estudo ou nas instituições responsáveis pela recepção desses trabalhos? Na reportagem sobre o projeto "Let's Spit on The Genius", com curadoria da espanhola Blanca de La Torre, é citado que, entre 2003 e 2004, 64% dos alunos graduados em arte eram mulheres, mas, entre 2005 e 2007, no Museu Nacional Centro de Artes Reino Sofia (MNCARS), no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) e no Instituto Valenciano de Arte Moderna (IVAM), houve 94 exposições solo de artistas e somente 15 % desse número eram de mulheres artistas.

No Brasil, não encontramos junto às Universidades pesquisadas⁸ dados quantitativos, separados por sexo, de formandos e formandas em artes plásticas, o que impossibilitou de fazermos a mesma comparação do projeto supracitado.

Para Bonnet (2006,p.134), trata-se de um problema simbólico, portanto, a profissionalização das mulheres e a sua chegada às Universidades não mudaram o quadro de desigualdade, já que a discriminação encontra-se no trabalho e no pensamento. É, portanto, preciso repensar a história da arte.

É necessário repensarmos a questão do gênero na arte brasileira. Levantar os dados históricos esquecidos, verificar a situação atual com afinco e tornar o assunto discutível, transgredindo verdades difundidas na sociedade sem nenhum embasamento. Temos que pensar na Mulher Artista dentro do panorama atual e resgatar as artistas esquecidas pela história patriarcal dominante. Só assim, poderemos fomentar a diversidade cultural do país, possibilitando o livre acesso a essas obras artísticas e

⁸ Faculdade Santa Marcelina, Unesp e Unicamp.

evitando a possibilidade de, no próximo século, ainda termos artistas esquecidas ou vinculadas não ao legado deixado, mas apenas à sua vida amorosa ou social.

Bibliografia:

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras. Fapesp, 2008;

PERROT, Michelle. História das Minhas Mulheres. Contexto, 2008;

GROSEMICK, Uta. Mulheres Artistas: século XX e XXI. Taschen, 2003;

BONNET, Marie-Jo. Les Femmes Artistes dans les avant-gardes, 2006;

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; HENKENHOFF, Paulo. Catálogo Manobras Radicais, Centro Cultural Banco do Brasil, 2006;

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização, 2000;

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, 1995

Artigo “As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões”, Ana Paula Cavalcanti Simioni, junho 2007, disponibilizado em <http://www.tanianavarrosowain.com.br/labrys/labrys11/ecrivaines/anapaula.htm>;

Artigo “Let’s Spit on the Genius”, Mireya Masó, disponibilizado em <http://www.tina-b.eu/en/stranka-let-s-spit-on-the-genius-16>;

Artigo “A Produção Feminista das Mulheres Nas Artes Plásticas e Suas Implicações no Ensino de Arte: Estudo Comparativo entre professores/ as de arte de Portugal e Brasil”, Andréa Senra Coutinho, disponibilizado em http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/andrea_senra_coutinho.pdf

Artigo “Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino”, Luciana Grupelli Loponte, julho 2002, disponibilizado em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14958.pdf>

Artigo “Uma Questão de Política Cultural: Mulheres Artistas, Artesãs, Designers e Arte/Educadoras”, Ana Mae Barbosa, ANPAP, 2010.

Artigo “Why Have There Been No Great Women Artists?”, Linda Nochlin, 1988, disponibilizado em <http://www.miracosta.edu/home/gfloren/nochlin.htm>

Texto “Políticas e Diversidade Cultural no Brasil”, Antônio Albino Canelas Rubim e Lia Calabre.

Texto “Desconstruindo a oposição entre igualdade e diferença”, Adriano Senkevics, 2012, disponibilizado em <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/05/desconstruindo-a-oposicao-entre-igualdade-e-diferenca/>